

AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA NA JUVENTUDE

José Alaor Moreira Branco

Prof. Everaldo da Silva

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

História (HID0301) – Sociologia

24/05/2008

RESUMO

Tão antigo quanto o mundo, a violência hoje é diferente do que sempre foi. A razão econômica para a violência sempre foi à busca pelo ganho material – comida, dinheiro, jóias, etc. Hoje a violência é banal, funcionando como meio de expressão, principalmente entre os jovens, ocupando o espaço deixado pela falta de valores sólidos, o que gera uma obsessão pelo medo. A reflexão sobre isso ajuda a encontrar maneiras de escapar da violência. A violência é criada, ela é consequência de uma diversificação de fatores ruins e malfadados. É o contraponto do amor em seus níveis mais altos.

Palavras-chave: violência, juventude, sociedade, agressividade.

1. INTRODUÇÃO

A falta de perspectivas sociais, culturais e econômicas que a maioria dos jovens vislumbra é o motivo que fortemente os mobiliza contra a sociedade que os exclui, o que comprova que os jovens são os mais atingidos pela violência. Talvez porque hoje já não basta apenas que o jovem passe no vestibular para assegurar seu futuro.

A banalização da violência pelo conteúdo de uma maioria de conteúdos dos meios de comunicação contribui para o aumento da agressividade. Hoje os jovens praticam atos criminosos sem motivo aparente para isso. A crise econômica que não estabelece suporte social, e a crise moral que resulta do mau comportamento de muitos representantes do povo fazem ver que a situação é grave e pode piorar.

É necessário acabar com os discursos de ‘acabar com a violência’ e tomar medidas urgentes para reverter este quadro. É importante que os jovens possam ir assimilando novas formas de relacionamento tais como solidariedade, companheirismo e fraternidade, mostrando-os que ‘é impossível ser feliz sozinho’ (MORAES, Vinícius de). Isso é tarefa de pais, educadores, governantes e meios de comunicação.

Para combater a violência são necessárias ações efetivas do poder público, meios de comunicação e sociedade civil, buscando promover a solução de problemas socioeconômicos e dando ênfase à cultura de respeito e amor ao próximo. É preciso perguntar-se se não estamos sendo egoístas, agressivos e individualistas se queremos, de fato, reduzir os índices de violência.

2. A REVOLTA

A cada época existem idéias e costumes dominantes peculiares. Um exemplo foi a libertinagem durante a Regência, ou a apologia da sensibilidade e do irracional durante o século do romantismo. Uma das dominantes de nossa época é a revolta contra os valores tradicionais, traduzida pela exaltação e prática da violência, fenômeno esse observado em todas as ordens do humano e do social.

A amizade degenerada em camaradagem vulgar e brutal. A ‘turma’ substitui a intimidade entre as pessoas, bem com o intercâmbio de idéias e sentimentos. Frequentemente buscando distrações e aventuras mais ou menos sofisticadas de agressividade, essa violência da ‘turma’ se multiplica, presa à corrupção do vínculo social. A multiplicação dos delitos coletivos causa apreensão aos criminologistas.

Presumindo-se insensíveis e ‘libertos’, muitos jovens desprezam o sentimentalismo e a exaltação romântica de outros tempos, bem como tudo que tem relação à ternura ou aos ideais. As relações sexuais são basicamente, para eles, ‘conjunções carnavais’, sem amor e sem manifestações de desejos de potência. Os rapazes têm ideal de ‘macho’, não amoroso. Muitas moças são cínicas e desavergonhadas, rejeitando os preceitos e suprimindo a reflexão.

Os jovens praticam, sem preparação ou prudência, esportes brutais e perigosos. Assume riscos levemente em esportes como alpinismo, espeleologia, navegação à vela, expondo seus eventuais salvadores também a esses perigos mortais. Esse delírio de velocidade nos mostra um cruel dado: elevada porcentagem de acidentes causados por jovens.

O imperativo essencial dos jovens é surpreender, chocar, ultrapassar limites e infringir regras. Nem mesmo a moda artística e literária escapa. Pode-se ver cenas de histeria coletiva nas manifestações a uma canção, danças selvagens, sacrifício da palavra na poesia e da imagem e cor em pinturas... Não se pode esquecer o sucesso crescente da literatura policial e de filmes de terror,

que mostram instintos sádicos habitando o coração do homem.

3. O ADOLESCENTE DELINQUENTE

Seja do sexo masculino, ou mesmo do sexo feminino, grande percentagem dos adolescentes já cometeu algum ato que, estritamente falando, é um ato delinqüente, mas uma minoria destes atos chega ao conhecimento de autoridades e então, classificadas como tal. Muitas vezes a polícia toma conhecimento desses atos, mas não leva ao conhecimento dos tribunais porque os adolescentes provêm de lares 'reputados' e pais, professores e outras pessoas intercedem por eles.

Nos últimos anos a taxa de delinqüência tem aumentado rapidamente, mais que a taxa de crescimento da população americana, por exemplo. Para cada delinqüente feminino, existem cinco masculinos. Mas esses dados são muito incompletos, uma vez que muitos atos não são descobertos ou, se o são, não chegam ao conhecimento dos canais que avaliam esses dados.

3.1. CARACTERÍSTICAS DE INDIVÍDUOS DELINQUENTES

Adolescentes delinqüentes têm inteligência média menor que os ditos 'normais'. Grande parte apresenta deficiências ou dificuldades na infância, como incapacidade parcial de fazer a própria toalete, uma doença grave, etc. Normalmente foram impulsivos quando pequenos, sem autocontrole ou extremamente inquietos. Muitos apresentavam pouca submissão, muita desconfiança, eram destrutivos, hostis e com muito espírito de aventura.

A maior parte destes indivíduos, quando crianças, andavam dependurados em caminhões, fumavam precocemente, voltavam tarde para casa, destruíam coisas alheias, etc. Também fugiam de casa, causavam pequenos incêndios, preferiam brincar fora de casa e sempre buscavam a companhia de outros delinqüentes ou de pessoas mais velhas, para integrar bandos, ou gangues.

A reconstrução perspectiva do passado de um indivíduo não pode revelar de modo adequado quais as experiências anteriores que tiveram uma importância crucial nas presentes condições da pessoa em causa. Da mesma forma, um inventário das características passadas desfavoráveis de um delinqüente não revelará quais delas é que influenciaram de modo crucial as suas tendências delinqüentes. Tais informações também não revelarão de que modo este ou aquele traço de personalidade ou caráter se tornou realidade. (JERSILD, Arthur T., pág.407)

3.2. FATORES AMBIENTAIS, GENÉTICOS E EXISTENCIAIS

Obviamente a conduta delinqüente tem influência no meio-ambiente e, ao mesmo tempo, é uma resposta a ele. Explicar porque um adolescente rouba e outro não é complicado, porque as pressões ambientais e a desaprovação social variam, conforme os diversos segmentos da sociedade. Mesmo nas ditas ‘subculturas’, onde há mais tolerância com relação às transgressões, também há muita diferença entre os adolescentes, em função da seriedade dos atos que cometem.

O problema de saber o que predispõe um jovem para uma carreira delinqüente fica ainda menos claro quando atentamos para o fato de que muitos jovens ‘enveredam para o mal’, mesmo que pareçam ter sido criados num ambiente favorável. (JERSILD, Arthur T., pág. 409).

O modo de viver da criança e do jovem é moldado pela interação que eles mantêm com o meio-ambiente e os exemplos que recebem. Não se pode concluir, contudo, que a delinqüência seja proveniente de um gene ou um conjunto de genes.

4. A AGRESSIVIDADE

Sempre um tema atual, especialmente quando tem a ver com a juventude, atualmente está mais relacionada às gangues, queimadores de mendigos, homicidas de grupos étnicos ou simplesmente aos agressivos intra-familiares. A violência não está restrita apenas aos internos da FEBEM ao aos adolescentes de classes menos favorecidas da sociedade. Em outras classes sociais ditas mais protegidas, seja por muros ou estatutos ‘não-escritos’, existe uma população delinqüente que raramente é punida.

Grande influência para o adolescente, a família contribui através do contexto das relações entre seus membros, desajuste dos pais, vínculo e do modelo educacional doméstico. Já os elementos ambientais relacionados a conduta agressiva podem ser a televisão, a escola, videogames e a situação sócio-econômica. Apesar de, inegavelmente serem fatores muito influentes, não atingem de forma igual a todas as pessoas, nem as submete à mesma situação de risco.

Infelizmente a agressividade manifestada em idade pré-escolar evolui negativamente. O importante é estabelecer limites entre as travessuras da infância e os transtornos de conduta, assim

como diferenciar a ‘personalidade forte’ da criança das condutas completamente não adaptadas da infância, o que poderá evoluir para um quadro mais grave.

A agressividade é um sintoma que reflete uma conduta desadaptada, podendo fazer parte de certos transtornos. Durante certos períodos do desenvolvimento infantil a conduta agressiva costuma ser normal, pois está vinculada ao crescimento e cumpre função adaptativa, e é chamada de ‘agressividade manipuladora’. Já quando essa conduta agressiva está combinada a outras alterações desadaptadas, apresenta um quadro mais grave, com problemas de interação e prognóstico pior.

Crianças agressivas e retraídas tem adaptação pior que aquelas somente agressivas ou retraídas, o que leva a crer que a combinação de várias condutas desadaptadas aumenta a vulnerabilidade a problemas mais sérios de agressividade.

8. CONCLUSÃO

A juventude sempre foi uma fase de rebeldia às convenções dos adultos. Mas a atual geração produziu um feito único na História: matou a arte de pensar e a capacidade de contestação da juventude. Os jovens raramente contestam o comportamento dos adultos. Por quê?

Porque eles amam o veneno que produzimos. Eles amam o sucesso rápido, o prazer imediato, os holofotes da mídia, ainda que vivam no anonimato. O excesso de estímulo gerou uma emoção flutuante, sem capacidade contemplativa. Até seus modelos de vida têm de ter um sucesso explosivo. Querem ser.

Os jovens vivem a geração que detesta a paciência. Não sabem contemplar o belo nas pequenas coisas da vida. Não lhes peça para admirarem as flores, os entardeceres, as conversas singelas. Para eles tudo é uma chatice. As críticas dos pais e professores são insuportáveis, raramente eles as ouvem com atenção.

Se educarmos a inteligência emocional dos jovens com elogios quando eles esperam uma bronca, com um encorajamento quando eles esperam uma reação agressiva, com uma atitude afetuosa quando eles esperam um ataque de raiva, eles se encantarão e haverá respeito nesta relação. Os pais e professores se tornarão assim agentes de mudança.

9. BIBLIOGRAFIA

JERSILD, Arthur T., Psicologia da Adolescência. Companhia Editora Nacional. 4ª. Edição, São Paulo. 1969.

PARSONS, Talcott & Outros. Sociologia da Juventude III – a vida coletiva juvenil. Zahar editores. Rio de Janeiro. 1968.

<http://www.permanencia.org.br/revista/Pensamento/thibon1.htm>

<http://gballone.sites.uol.com.br/infantil/conduta2.html>